ESCRITAS BIOPOLÍTICAS: JOSÉ EDUARDO AGUALUSA, FERRÉZ E MV BILL NA CENA AFRO-BRASILEIRA

José Henrique de Freitas Santos[1]

Resumo: A partir da análise de O ano em que Zumbi tomou o Rio de José Eduardo Agualusa, Manual prático do ódio de Ferréz e Cabeça de Porco de MV Bill, Celso Athayde e Luiz Eduardo Soares, obras que tematizam de forma singular a violência no cenário brasileiro, discutiremos o ímpeto biopolítico da escrita destes autores contemporâneos que buscam rasurar a força de lei e os discursos hegemônicos de paz que naturalizam a produção da morte do negro no Brasil.

Palavras-chave: Escrita biopolítica. Violência. Afrobrasileiro.

Abstract: From the analysis of O ano em que Zumbi tomou o Rio by José Eduardo Agualusa; Manual prático do ódio by Ferréz and Cabeça de Porco by MV Bill, Celso Athayde and Luiz Eduardo Soares, books that thematize singularly violence in Brazilian scenery, we will discuss the biopolitical impetus of writing of these contemporary authors that aim to scrape enforced of the law and the hegemonic discourses of peace that naturalize the production of black people's death in Brazil.

Keywords: Biopolitical writing. Violence. African Brazilian.

Paz sem voz, não é paz, é medo - O rappa
A guerra me parece inevitável (...)/ se a população se revoltar não grite por socorro / (...) quando o sangue bater a sua porta espero que você entenda / e descubra que ser pobre e preto é foda./ Se uma guerra amanhã estalar / sei de que lado eu vou estar - MV Bill

O ano em que Zumbi tomou o Rio de José Eduardo Agualusa, *Manual prático do ódio* de Ferréz e *Cabeça de Porco* de MV Bill, Celso Athayde e Luiz Eduardo Soares são narrativas intempestivas exatamente no sentido em que postula Nietzsche em suas *Considerações Extemporâneas*: são escritas que se movem "contra o tempo, e com isso, no tempo, e, esperemos, em favor de um tempo vindouro" (NIETZSCHE, 2003, p.7). A potência desses textos reside, pois, no fato de que, recusando-se a aderir à razão de Estado e aos contratos sociais estruturados em torno de uma moral judaico-cristã, debruçam-se sobre a questão da violência, reconhecendo-a como resposta potente a

[1] Professor da Universidade Federal da Bahia. Doutor em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: henriquefreitas@ufba.br

aquilo que Jacques Derrida identifica como *força de lei*, a fim de instaurar uma outra lógica na qual a diferença, neste caso étnica, não seja considerada como hierarquicamente inferior. Os discursos consensuais e apressados em torno da necessidade do estabelecimento de um estado de paz para garantir uma ordem social impedem-nos, quase sempre, de compreender a complexidade dos sentidos envoltos na violência enquanto potência. Eis a contribuição significativa das obras do angolano Agualusa e dos rappers brasileiros Ferréz e Bill para pensarmos na escrita do corpo quando afetado pelo biopoder.

Jacques Derrida observa em *Força de lei* que não há aplicação da lei que não seja pela força, seja ela direta ou indireta, física ou simbólica. É difícil distinguir então entre a força de lei como poder legítimo e a violência pretensamente originária que instaura uma autoridade descentrada, já que ela não pode autorizar-se por uma legitimidade anterior. Dessa forma, essa violência, nesse primeiro instante, não seria nem legal, nem ilegal. Se a necessidade da força está, pois, implicada no justo da justiça, a violência é fundadora aqui de uma nova ordem. Em um fragmento de texto de Sueli Carneiro, que Agualusa toma como uma das epígrafes de *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, essa questão que perpassa todo o texto assim é pensada:

> O aumento da tensão racial é inevitável à medida que a consciência racial avançar no país, pois a relação entre negros e brancos é uma relação violenta, historicamente de expropriação, de desumanização, e isso é profundamente brutal... Entendo o seguinte: há segmentos organizados de negros no país buscando equacionar o problema racial numa perspectiva pacifista, mas, se essa sociedade não responde, não há como impedir que outras formas de luta sejam desencadeadas. É uma questão de legítima defesa. Não sabemos como as próximas gerações vão responder a tamanha exclusão (AGUALUSA, 2002, p. 1).

Para Derrida,

> Já que a origem da autoridade, a fundação ou o fundamento, a instauração da lei não podem, por definição, apoiar-se finalmente senão sobre elas mesmas, elas mesmas são uma violência sem fundamento. O que não quer dizer que sejam injustas em si, no sentido de 'ilegais' ou 'ilegítimas'. Elas não são nem legais, nem ilegais no seu momento fundador (DERRIDA, 2007, p.26).

No momento de emergência dos Estados Nacionais Modernos, por exemplo, "uma das violências fundadoras da lei ou da imposição do direito estatal consistiu em impor uma língua às minorias nacionais ou étnicas reagrupadas pelo Estado" (DERRIDA, 2007, p.45). Situação esta vivida pelo Brasil e por muitos países africanos,

inclusive Angola, que constitui também a paisagem narrativa *do Ano em que Zumbi tomou o Rio* do escritor angolano Agualusa.

Em resposta a esta força de lei, o corpo rebelde escreve-se e inscreve-se fora da teia social panóptica que busca adestrá-lo continuamente, retirando dele toda pulsão thanática que possa vir a conturbar a lei e as hierarquias vigentes. O Golem, mito judaico que aqui tomamos como metáfora da violência, é tão temido, por ser o próprio *unheimilich* (FREUD, 2007) humano materializado. O estranho, ou seja, o des-conhecido intimamente familiar, figura, assim, como força mortal e motriz que abala a ordem...

O Golem é o monstro de barro, inventado para garantir a proteção de quem o cria, através da força exponencial de destruição que carrega consigo, assim como a violência. Quanto mais destrói, mais se fortalece, mais seu poder é cultuado pelo criador, que crê controlá-lo, podendo desativá-lo quando for conveniente através da inscrição da senha na testa do gigante de barro, desacordando-o. No entanto, assim como o Golem, quando fica extremamente poderoso, foge ao controle do demiurgo, tornando-se uma máquina letal que se volta inclusive contra o seu criador, a violência, ao ser disseminada amplamente, também foge ao controle de seus agentes, uma vez que seus efeitos em cadeia produzem outras e outras e outras redes de violência.

Agualusa está atento a essa ambivalência da violência ao demarcá-la em *O ano que Zumbi tomou o Rio* como elemento "fundacional" dos laços Brasil-Angola flagrando-a simultaneamente como força beligerante e revolucionária tanto no contexto de guerra civil angolana quanto da "guerra civil brasileira" desencadeada pelo tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Nesse sentido os heróis indecidíveis da narrativa, Francisco Palmares, Euclides Matoso Camara, Jararaca, dentre outros, transitam desterriterritorializados entre Brasil e Angola, movidos por signos que atravessam ambos espaços e remetem tensamente a lógica do passado colonial angolano e brasileiro, contra o qual ainda lutam nos espectros das heranças das relações raciais deste período, conforme vê-se na afirmação do personagem Euclides Matoso Câmara: "vivi mais em Angola do que no Brasil, hoje nem sei bem a que chão pertenço". Anão, negro e homossexual, Câmara também é emblemático na narrativa do romance por ter reduplicado em seu corpo a diferença tomada socialmente como estigmas que tentam inferiorizá-lo.

Agualusa, em *O ano em que Zumbi tomou o* Rio, assim como nas obras *Nação crioula* e o *Vendedor de passados*, questiona o soerguimento da nação através do

princípio de povo como bloco homogêneo, de unidade interna e de uma narrativa alicerçada em uma divisão espacial promovida pelos europeus no período colonial que ainda hoje cerceia a realização de outra geopolítica em África que venha a possibilitar o fortalecimento sobretudo de nações menores que poderiam agrupar-se, suprindo reciprocamente suas necessidades e estabelecendo uma agenda em torno de suas reais demandas, como defende em suas diversas intervenções o filósofo moçambicano Severino Ngoenha. Outro fator que emerge na declaração do personagem Euclides é a sensação de *deriva* que aponta simultaneamente para um desdobramento territorial e para uma *errância*.

A primeira sensação remonta ao Atlântico Negro que, de acordo com Paul Gilroy, constitui-se como o espaço intenso de intertrocas culturais realizadas nas antigas rotas de tráfico negreiro, para a perlaboração da experiência traumática da escravidão em produção artístico-cultural de subjetividades que apontam na contemporaneidade para outras formas de negritude que não se ancoram nem no dogmatismo étnico, nem no relativismo desrracializante. Como personagem diaspórica, Euclides experimenta o sentimento de dilatação territorial ao reiventar-se na ponte-fluida do Atlântico entre Angola e o Brasil. A segunda sensação, a de errância, contraria a lógica de deslocamento programado e o ímpeto descobridor que guiou Portugal a instituir tanto Brasil quanto Angola como territórios coloniais. A errância permite a recartografia desses espaços, dessas rotas, de forma que possam ser percorridos em um outro sentido.

O ano em que Zumbi tomou o Rio tem, como argumento central de seu roteiro, a ação integrada de um experiente ex-combatente angolano, Francisco Palmares, e também de outros angolanos, a exemplo de Euclides Matoso Camara, com traficantes cariocas: Jararaca, o dono do morro, e Jacaré, "soldado do morro". Esta aliança marginal entre esses sujeitos periféricos angolano e brasileiro se dá no intuito de tomarem o poder da capital fluminense.

A narrativa romanesca de Agualusa se passa no Rio de Janeiro, entremeada por flashes do contexto da guerra civil angolana que obrigou Francisco Palmares a imigrar para o Brasil. Na capital carioca, Palmares usa da experiência militar e da rede de influência de que ainda goza para traficar armas para os "bandidos", em especial para Jararaca, dono do Morro da Barriga. A relação entre eles, no entanto, não se dá apenas no plano econômico: politizado e detentor de um discurso ambíguo, mas carismático,

tanto Jararaca quanto Palmares anseiam pela mudança da situação racial no Brasil e a tomada do Rio de Janeiro é só o começo.

Na composição deste personagem e do próprio contexto do tráfico gravitam referências intertextuais relevantes que inserem a obra de Agualusa em uma rede rizomática que atravessa textos ficcionais e não-ficcionais escritos nos últimos anos no Brasil que se propuseram a discutir o problema da violência sem romantismos apaziguadores e sem cair no perigo de uma dicotomia redutora que se encerra na categorização de vítimas e algozes ou do Bem e do Mal. *A elite da tropa*, *Estação Carandiru*, *Abusado*, *Sobrevivente Andre du rap* e, sobretudo, os livros de Ferréz (*Capão Pecado*, *Ninguém é inocente em São Paulo*, *Manual prático do ódio*, dentre outros) e MV Bill (*Falcão, meninos do tráfico*; *Cabeça de Porco*; *Falcão, as mulheres e o tráfico*) constituem referências importantes não só na genealogia em que *O ano em que Zumbi tomou o Rio* se inscreve, mas para compreender melhor a violência, como força reativa a uma marginalização cotidiana, dotada de significados que são sempre descartados na análise deste fenômeno. Neste sentido, a narrativa de Agualusa, assim como a dos outros autores aqui mencionados, é tão precisa que ganha um tom apocalíptico quando o vemos narrar em seu romance publicado no Brasil em 2002, logo na cena inicial de seu texto, o abate de um helicóptero da Polícia Militar, evento que realmente ocorreu no ano de 2009, no qual, apesar de toda a comoção nacional induzida pelos veículos de comunicação, os sujeitos identificados como bandidos devolveram o gesto legitimado da artilharia aérea policial com igual intensidade para espanto de todos:

> Helicópteros rodopiam no céu, ao longe, agitando as águas mortas da lagoa. Francisco Palmares espreita-os através das lentes do binóculo. Conta-os: quatro... seis... nove. Vê-os acometerem contra o Morro da Barriga, ali memso, onde os últimos revoltosos buscaram refúgio. Àquela velocidade estarão sobre eles, a cuspir fogo, em poucos segundos. [...]
> No mar, no estreito pedaço de oceano que dali se avista, avança a pesada sombra de um navio de guerra. Então um uivo luminoso risca o azul puríssimo da tarde numa curva elegante, e atinge o primeiro helicóptero. A explosão torce o céu, estende-o, contrai-o, sorve violentamente todo o ar, arrastando as duas aeronaves que seguem atrás. Um dos aparelhos consegue recuperar o equilíbrio. O outro, porém, mergulha às cambalhotas de encontro aos prédios aguçados, lá muito embaixo, e desfaz-se – desfaz tudo ao seu redor – num grande e prolongado ribombar de chamas. (AGUALUSA, 2002, p.7)

Ferréz, cujo nome é uma síntese de Virgulino Ferreira com Zumbi, também aponta através dos personagens de seu romance *Manual prático do ódio* a produção

sociocultural e histórica dos bandidos na medida em que estes sujeitos são violentados e reduzidos cotidianamente à marginalidade em todas as esferas da vida (saúde, educação, trabalho, moradia), pondo, assim, em marcha, muitas vezes, o golem da violência, como estratégia de visibilidade fugaz e tênue sobrevivência, mesmo cientes que serão subsumidos pelo próprio furor que os guia. Furor expresso na própria escrita do autor que empunha o seu *Manual* como escrita "todo lâmina" contra seus inimigos e apresenta suas páginas *veroficcionais* com dois fragmentos dos Salmos bíblicos que sintetizam o *ethos* dos personagens destemidos de seu romance que, após assassinatos, roubos e outras infrações, tramam um grande assalto a banco: "Persegui meus inimigos, e os alcancei: não voltei senão depois de os ter consumido" Sl 18, versículo 37 e ainda em uma outra epígrafe: "O justo se alegrará quando vir a vingança: lavará seus pés no sangue do ímpio" Sl 58, versículo 10.

Ferréz, através de sua grife de roupas, a 1DASUL, da militância no movimento hip hop como rapper e produtor, em projetos de leitura de que participa e da organização da coletânea *Literatura marginal*, que organizou, tenta minimizar os efeitos desse poder subalternizante que está sempre a incidir, como ele mesmo gosta de frisar, sobre "os pobres e pretos das quebradas". Em *Literatura marginal*, Ferréz assume um tom de manifesto para primeiro demarcar uma reação de favelados e excluídos à situação vigente no Brasil também através da palavra, cantada e escrita de forma plural, nas periferias do país e, em seguida, para anunciar o terrorismo literário de produções que existiram e sempre existirão indiferente às validações canônicas, aliás, Ferréz situa o agora, o presente, como momento determinante para a reversão da apropriação indevida dos saberes populares tomados frequentemente como meros objetos de estudos acadêmicos ou parafraseados em trabalhos convertidos em bem simbólico e até financeiro privado. MV Bill também busca intervir positivamente na realidade desses jovens que estão em constante situação de risco, através da criação da CUFA (Central Única de Favelas), Ong responsável pela formação profissional de diversos jovens em todo o Brasil em áreas estratégicas como a audiovisual, já que, mesmo a educação formal a que são submetidos não é guiada por um princípio libertário, inclusivo, multicultural, ao contrário, desencoraja desde cedo estes jovens alcançarem seus sonhos, aprisionando-os a estereótipos e a uma perversa trilha do círculo vicioso, conforme identifica Hélio Santos em *A busca de um caminho para o Brasil* (SANTOS, 2001). MV Bill, que mal terminou o ensino fundamental, discute esta

questão através de seu próprio corpo interditado, de suas próprias dores, superadas ao forjar o conceito e a práxis do *preto-em-movimento*: estratégias para escapar a condição de estagnação que lhe foi imposta por sua identificação social e étnica.

No caso de Bill, o movimento hip hop com sua pedagogia centrada na experiência multimodal (a escrita grafo-pictórica do grafite, a composição rizomática dos sons articulados pelo DJ, o corpo indisciplinar do break e a oralidade performática do MC) e sua educação-arte foi fundamental para sua formação extraescolar que o permitiu, por meio também desses letramentos multissemióticos, mesmo sem ter o ensino médio, tornar-se uma referência nacional e também um dos autores da obra de sucesso que é *Cabeça de Porco*, dentre outras que escreveu.

Cabeça de Porco, que contempla os relatos da pesquisa que MV Bill e Celso Athayde realizaram em favelas de todas as principais capitais brasileiras, figura também como obra que se destaca na rede textual que traçamos até aqui. O livro é produto de uma pesquisa sobre a vida dos jovens garotos que entram para o mundo do tráfico na condição de falcões (vigias que dão um alerta quando o morro é invadido por policiais ou bandidos inimigos), geralmente um dos primeiros postos ocupados nas patentes do tráfico. O objetivo da investigação é traçar um amplo panorama das causas e as motivações que levam esses jovens a adentrarem no universo do tráfico, sem a pretensão de denunciar ou prejulgar os relatos desses garotos. Soma-se ainda ao corpo de autores, o sociólogo e ex-secretário de Segurança do Rio, Luiz Eduardo Soares, que faz uma análise das políticas de Segurança Pública em confronto com a realidade social em especial das periferias cariocas. A força intempestiva do texto reside no olhar coletivo dos autores que capta as contradições, os medos e as alegrias dos falcões, entremeando a obra com relatos pessoais de experiências diversas que atravessam principalmente o conflito de base étnica que culmina no racismo de Estado no Brasil.

No mesmo sentido, Agualusa escreve a sua história a contrapelo através da inserção em seu romance de personagens históricos estabelecendo analogias interessantes através da ironia que atravessa o texto como a que se faz presente na denominação de personagens como Francisco Palmares (Palmares aqui em alusão ao famoso quilombo e também a Zumbi), Jararaca (nome de um dos cangaceiros de confiança do bando de Lampião), Euclides Matoso Câmara (neto de Eusébio de Queirós, figura importante do Brasil e de Angola, a quem se deve a extinção do tráfico

de escravos africanos para o Brasil), Jorge Velho (em alusão a Domingos Jorge Velho, bandeirante paulista responsável pela captura de índios, pela destruição de Palmares e pela morte de Zumbi), dentre outros. Todos os personagens aqui descritos compõem uma teia de agentes que buscaram a manutenção ou subversão, através da violência ora a serviço de uma força de lei ora a serviço de uma força pretensamente originária que precisou instaurar uma autoridade.

Vale ressaltar que, de uma forma ou de outra, não é possível passar incólume pelas malhas da violência, ainda que esta se fundamente em um contexto que a justifique: Francisco Palmares, assim como os jovens traficantes entrevistados por MV Bill e os personagens de Ferréz, todos envolvidos numa intensa guerrilha urbana, é, desta forma, assombrado continuamente pelos espectros da guerra que visivelmente inscreve-se no seu corpo e mesmo em sua incapacidade narrativa, típica dos traumas bélicos. No romance de Agualusa, Palmares, enquanto caminha em uma feira carioca é absorto pelo fedor do lugar e sinestesicamente remetido ao campo de batalha: "O denso fedor de carcaças faz com que Francisco Palmares lembre outra vez de Luanda. Pagaria muito para que alguém lhe arrancasse do cérebro aquelas imagens, uma por uma, com uma pinça, como se arrancam espinhos. Algumas pessoas tomam medicamentos para melhorar a memória. Ele de boa vontade tomaria alguma coisa para prejudicar" (AGUALUSA, 2002). Agualusa apropria-se bem do signo do trauma já na estrutura fragmentária que ele dá ao texto, operando como um DJ, mixando o turbilhão de experiências sonoras, literárias e sinestésicas em um texto que tira o leitor da zona de conforto e requer dele o sistema de leitura similar ao empregado para se interpretar um videoclipe. Aliás, apesar das múltiplas referências sônicas que vazam o texto do escritor angolano, é o *rap* de MV Bill a canção de fundo que perpassa toda a obra, pois, mesmo a descrição dos cenários e dos personagens apresentados como traficantes, por exemplo, aparecem como peças retiradas de músicas e videoclipes do rapper.

Agualusa não se limita a tecer uma crítica ao racismo brasileiro, herdado de uma lógica colonial ainda vigente no nosso país, mas o compreende como um recurso estruturante de uma ordem social que só pode ser subvertida com o estabelecimento do caos revolucionário em que a força de lei é posta à prova para a reivindicação de uma violência fundadora, mas, ao mesmo tempo incontrolável e eis aí o seu risco. Neste sentido, ele soma sua voz a de Ferréz em *Manual prático do ódio* e as de Bill, Celso Athayde e Luiz Eduardo Soares em *Cabeça de Porco*, nas quais os autores reconhecem

um fundamento racial, geralmente apagado das estatísticas que configuram a guerra urbana que vive o Rio de Janeiro e outras capitais brasileiras como fruto de um perigoso biopoder. Ante o golem incontrolável, ou seja, a violência que toma o país, os corpos continuam sendo escritos ou exterminados por ela. Entretanto, o hip hop é apresentado por Bill e Ferréz como uma possibilidade de atenuar o caos citadino, mas não de resolvê-lo. Já Agualusa, mesmo ante a derrota de Jararaca para as tropas do governo, depois de lograr brevemente êxito em sua tomada do Rio, insinua que nada pode voltar pacificamente ao que era, pois as marcas deixadas na cidade são indeléveis.

Neste momento em que no cenário nacional há uma campanha midiática e política contrária às ações afirmativas e sobretudo às cotas étnicas e no cenário soteropolitano estamos ante o que Abdias do Nascimento já denunciava há décadas atrás como o genocídio do negro-brasileiro, unimo-nos a palavra de ordem repetida pela socióloga Vilma Reis em suas palestras ao referir-se ao movimento social *Reaja ou será morto! Reaja ou será morta!*, de que faz parte: "Frente ao genocídio do Povo Negro, nenhum passo atrás!". Eis a hora em que a biopolítica deve ser mapeada em sua intrincada teia social em que ela tenta se naturalizar, produzindo "racialmente" a diferença rebaixadora que se traduz em morte simbólica, mas também física, por isso a agenda mais pulsante de uma militância negra seja ela ligada a grupos organizados ou não passa a ocupar-se dela. Por isso, as escritas aqui analisadas, inscrevem-se em sua rede.

A *biopolítica*, de acordo com Foucault, consiste nas práticas governamentais que buscam racionalizar a saúde, a higiene, a natalidade, longevidade, a mortalidade e as raças, *regulando* o corpo coletivo identificado como população, através de um poder que atua sobre esses dados privilegiados "produzindo a vida" para alguns, e, ao mesmo tempo, "deixando morrer" programaticamente a outros, ocultando-se, apesar de tudo, sob um discurso de fatalidade. Ciente da arquitetura perversa desse *biopoder*, as escritas que emergem dos autores aqui estudados reivindicam para si a sua dimensão biopolítica exatamente através da escritura do corpo negro nas malhas de seus respectivos textos que desnaturalizam tudo aquilo que se projeta de forma aparentemente acidental nos noticiários, nos boletins de ocorrência, batidas e blitzes policiais na *invenção de um cotidiano cordial da convivência racial brasileira*, onde, como canta o grupo *O rappa*: "Todo camburão tem um pouco de navio negreiro".

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. *O ano em que Zumbi* **tomou o Rio**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

ANDRÉ DU RAP. Sobrevivente André du Rap (do Massacre do Carandiru). Coord. editorial Bruno Zeni. São Paulo: Labortexto Editorial, 2002.

ATHAYDE, Celso; MV Bill. **Falcão**: Meninos do Tráfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

ATHAYDE, Celso; MV Bill. **Falcão**: Mulheres e o Tráfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BARCELLOS, Caco. **Abusado**: o dono do Morro Dona Marta. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

DERRIDA, Jacques. *Força de Lei*: O Fundamento místico da autoridade. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

FERRÉZ. Capão Pecado. Rio de Janeiro, Objetiva, 2005.

FERRÉZ. *Manual prático do ódio***.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

FERRÉZ. Ninguém é inocente em São Paulo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da biopolítica***.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo. Martins Fontes. 2008.

FREUD, Sigmund. *Das Unheimlich*. In: Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

GILROY, Paul. **Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. Trad. Cid Knipel, São Paulo: Editora 34, Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Sociais Afro-Asiáticos, 2001.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do Negro Brasileiro**: Processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração Intempestiva:* Da utilidade e desvantagem da história para a vida. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SANTOS, Helio. *A busca de um caminho* **para o Brasil**: a trilha do círculo vicioso. São Paulo, SP: Editora SENAC São Paulo, 2001.

SOARES, Luiz Eduardo; ATHAYDE, Celso; ***MV BILL.*** *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SOARES, Luiz Eduardo; BATISTA, André e PIMENTEL, Rodrigo. **A Elite da Tropa**. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2006

VARELA, Dráuzio. **Estação Carandiru**. Companhia das Letras, São. Paulo: 1999.